

# O QUADRO ATUAL DAS PREPOSIÇÕES SIMPLES NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Francisco de Assis Florêncio – UERJ

**Resumo:** Tomando como base a lingüística cognitiva, demonstraremos que o quadro atual das preposições simples no português do Brasil já não corresponde, no uso da língua, ao apresentado pelas gramáticas. Para isso, faremos, primeiramente, uma abordagem diacrônica das preposições, vindo, em seguida, uma abordagem sincrônica, que terá como *corpus* comparativo três versões bíblicas: duas normativas e uma coloquial.

**Palavras-chave:** preposições simples; português; lingüística cognitiva.

Pretendemos demonstrar que o quadro atual das preposições simples no português do Brasil, em termos de língua oral e, em alguns casos, também na língua escrita, encontra-se bastante reduzido em relação ao quantitativo apresentado pelas nossas gramáticas. Assim, iniciamos o nosso trabalho com um estudo diacrônico das preposições que vai desde a língua *mater* das línguas neolatinas, o latim, até o português atual. O *corpus* básico analisado neste trabalho são os textos da Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH), Bíblia Revista e Corrigida (Almeida - RC), Bíblia Revista e Atualizada (Almeida - RA), em razão de podermos, através deles, fazer um estudo comparativo entre a linguagem oral do português do Brasil (BLH) e a linguagem formal e normativa das outras duas versões (RC e RA). Na tentativa de explicar o porquê desse fenômeno, ou seja, o desaparecimento parcial ou total de algumas preposições simples, recorreremos aos recentes estudos da lingüística cognitiva, segundo a qual a maior parte do sistema conceitual do homem é estruturado metaforicamente.

Seguindo essa linha de raciocínio, percebe-se que os primeiros conceitos a serem compreendidos pelo homem são os espaciais simples, que são oriundos da sua experiência. Deste modo, numa visão localista, lingüistas como Johnson e Lakoff admitem que, para se chegar ao sentido metafórico, parte-se primeiro de conceitos espaciais e, em seguida, de conceitos temporais. Assim, acompanhando o pensamento desses autores, conclui-se que o fenômeno de desaparecimento total ou parcial de algumas preposições segue um caminho que se inicia no âmbito espacial, passa pelo

temporal (não obrigatoriamente) e termina nos sentidos metafóricos. Já as expressões cristalizadas ou congeladas, por se afastarem mais do sentido literal (espacial), são as que duram mais dentro da língua. Além dos autores supracitados, recorreremos também aos estudos da professora Eunice Pontes e ao trabalho de E. W. Thomas, os quais, na prática, mostram-nos como se dá o processo de redução das preposições simples no português do Brasil.

## DO LATIM AO PORTUGUÊS

As preposições, nos primórdios da língua latina, eram formas adverbiais que vieram, mais tarde, a ser empregadas em conexão com certos casos do nome ou em composição com o verbo, e, por antecederem destes, passaram a ser denominadas de preposição. Assim a professora Rosauta comenta esse processo de transformação, que se inicia no latim arcaico, percorre a época clássica e se estende até o latim tardio:

<sup>1</sup> Isso ocorre, por exemplo, com a forma *contra* que, no período de Plauto e Terêncio (latim arcaico), era empregada como advérbio, e, no período clássico, como preposição, regendo um acusativo; *coram* não era uma preposição até o tempo de Cícero; *retro* não era preposição até o período do latim tardio.

Segundo as gramáticas latinas, as preposições latinas regiam quase que exclusivamente dois casos: ablativo e acusativo. Havia, porém, algumas poucas que regiam o genitivo. Ei-las: *causa, ergo, intus e gratia*.

Como é de nosso conhecimento, as preposições, na passagem do latim clássico para o latim vulgar, passaram a ser empregadas com mais frequência, substituindo, assim, o papel desempenhado outrora pelas desinências dos antigos casos oblíquos: amor *da* pátria (amor *patriae*); casa *do* rei (domus *regis*). No que se refere à passagem das preposições às línguas românicas, Câmara Júnior assim se pronuncia:

<sup>2</sup>(...) *As línguas românicas eliminaram a flexão casual, e a marca da subordinação ao verbo recaiu exclusivamente na preposição. Concomitantemente aplicou-se de muito o seu uso com os complementos verbais.*

<sup>3</sup>Coutinho mostra que o número de preposições aumentou em português, em razão de adjetivos (segundo, conforme), participios passados (salvo,

exceto, junto), particípios presentes (tirante, passante, mediante, durante) terem passado a desempenhar este papel, além, é claro, do grande número de locuções prepositivas.

Apresentamos abaixo algumas definições modernas de preposições:

- a) Rocha Lima: “Preposições são palavras que subordinam um termo a outro, na frase”;
- b) Luiz Ricardo Leitão: “É uma palavra invariável, essencialmente gramatical, cuja função básica consiste em subordinar um vocábulo a outro...”;
- c) Evanildo Bechara: “Preposição é a expressão que, posta entre duas outras, estabelece uma subordinação da segunda à primeira”.

A partir das definições dadas, percebe-se que praticamente não há discordância entre os três gramáticos do que seja preposição e que o ponto em comum entre eles é o fato de ela ter um caráter subordinativo. Destaque-se, ainda, a preocupação, por parte de Luiz Ricardo, em dar uma definição mais completa da preposição, abordando, assim, o seu caráter morfológico, semântico e sintático.

## A METÁFORA NA EVOLUÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Segundo Celso Cunha, Rocha Lima e Luiz Ricardo Leitão, as preposições simples são: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás*. Como explicar, porém, que um grande número delas não faz mais parte do registro popular do português contemporâneo do Brasil e que outras já desapareceram completamente (mesmo na língua escrita), embora permaneçam ainda no quadro das preposições simples apresentadas pelas nossas gramáticas. Com base nos recentes estudos das metáforas e nos estudos do português falado do Brasil, mostraremos, nos exemplos por nós compilados, que o quadro atual das preposições, na língua oral e, em alguns casos, na língua escrita, já não corresponde mais ao apresentado pelos ilustres gramáticos e que o desaparecimento de algumas preposições se dá na seguinte ordem: primeiro desaparece o significado literal (espacial), vindo, em seguida, o significado metafórico mais próximo deste, o temporal. Outros significados metafóricos, como veremos, também podem apresentar flutuações. Já as expressões fossilizadas ou cristalizadas, por se encontrarem mais afastadas

do significado literal, são as que mais demoram a desaparecer.

## METÁFORAS ESPACIAIS E FORMAS CRISTALIZADAS

Iniciemos, pois, pela preposição *per*, que hoje é empregada apenas em uma expressão exclusivamente literária, *de per si*, não aparecendo, portanto, na BLH. Eis dois exemplos desta expressão nas outras duas versões bíblicas: “...também o peso do ouro para as mesas da proposição, para cada uma *de per si*;...” (1 Crônicas 28:16); “Não obstante, vós, cada um *de per si* também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite o marido.” (Efésios 5:33).

As preposições *ante* e *perante*, assim como *per*, não foram encontradas na BLH por terem sido substituídas, na língua oral, por “diante de”. Segundo Thomas, estas preposições não são mais encontradas para indicar espaço físico, conforme ocorreria em “perante (ou ante) o prédio”. Ainda segundo ele, elas são usadas na linguagem escrita (mais conservadora e formal) para:

a) Expressar posição na presença de pessoas, usualmente sugerindo julgamento: “Jesus estava em pé *ante* o governador; e este o interrogou, dizendo...” (Mateus 27:11); “... o oferecerás como oferta movida *perante* o Senhor; e isto será a tua porção”. (Êxodo 29:26);

b) Situação diante de acontecimentos: <sup>4</sup> “*ante* esta situação”.

A preposição *sob* segue também o mesmo caminho das preposições supracitadas, ou seja, foi substituída, no seu significado literal por *embaixo de*; sendo, porém, bastante empregada em expressões congeladas, como “sob medida”, “sob o controle” e “sob o comando” (com significados figurativos). Assim, percebe-se que o significado literal foi substituído por expressões mais transparentes (*embaixo de*), enquanto o sentido metafórico se mantém um pouco mais, principalmente na língua escrita. Coletamos, na RA e RC, alguns exemplos das expressões cristalizadas: “Deixou o resto das suas tropas *sob o comando* do seu irmão Abisai, que as colocou de frente para os amonitas” (2 Samuel 10:10); “...As pedras foram preparadas na pedreira e cortadas *sob medida*, sendo os lados de dentro e de fora cortados com serra” (1 Reis 7:9). No primeiro exemplo *sob* pode ser substituído por *debaixo de*. *Sob* pode assumir ainda valor

temporal, como ocorre neste exemplo da RC: “E *sob* o reinado de Assuero, escreveram uma acusação contra os habitantes de Judá e de Jerusalém” (Esdras 4:6). Vemos, nesses exemplos, a sobrevivência do sentido figurado (o que demora mais a desaparecer), tendo desaparecido primeiramente o uso literal de espaço.

Em nossos dias, a preposição *após* é considerada arcaica e literária, sobrevivendo apenas em exemplos que indicam tempo: “Vez *após* vez Deus salvará você do perigo e não deixará que nenhum mal lhe aconteça” (Jó 5:19-BLH); “... Os mesmos sacrifícios são oferecidos sempre, ano *após* ano...” (Hebreus 10:1). Quanto ao sentido espacial, não se encontram mais exemplos com esta preposição.

A preposição *trás* é outro exemplo típico de preposição que só existe no quadro apresentado pelas gramáticas; na prática, ela é considerada arcaica e poética no significado de “posição atrás”, aparecendo apenas em locuções ou em combinação com outras preposições: “Ouvindo falar de Jesus, veio *por detrás*, entre a multidão, e tocou na sua veste” (Marcos 5:27); “Mas, *por trás do* segundo véu, estava o tabernáculo que se chama o santo dos santos” (Hebreus 9:3).

A preposição *a* é freqüentemente substituída, na língua falada do Brasil, pelas preposições *em*, *para*, *com*, *de* e *por*. O seu desaparecimento, como ocorre com as demais preposições, se dá primeiramente no sentido espacial, passando em seguida para o temporal. Deste modo, exemplos como “Ele está à porta” e “sentar à mesa” são substituídos, no uso, por “Ele está na porta” e “sentar na mesa”, desaparecendo, assim, a preposição *a*. No que se refere ao tempo, que é o sentido metafórico mais próximo do literal, a preposição *a* ainda sobrevive, só que dividindo espaço com outras preposições: à noite — de noite; aos domingos — nos domingos. Com estes últimos exemplos podemos constatar que, pelo fato de a preposição *a* ainda dividir espaço com outras preposições na indicação de tempo, o sentido temporal é, neste caso, o último a desaparecer.

As expressões cristalizadas, por se afastarem mais do sentido literal (espaço), são, com certeza, as que mais se conservam. Assim, a preposição *a* persiste em expressões do tipo: “à força”, “dois a dois”, “bife a cavalo” etc.

Com função de dativo, esta preposição também está sendo substitu-

ída pela preposição *para*. Vejamos alguns exemplos: “Naquele momento, disse Jesus *às* multidões...” (RA) — “Depois disse Jesus *para* as multidões...” (Mateus 26:55 - BLH); “...Herodes no seu aniversário natalício dera um banquete *aos* seus dignitários,...” (RA) — “...Nesse dia Herodes deu um banquete *para* as pessoas importantes,...” (Marcos 6:21 - BLH).

Constata-se, também, no uso da língua, que a preposição *a*, para indicar espaço, é substituída em quase todos os casos pela preposição *em*. Segundo a gramática histórica, houve, no português, ampliação da preposição *a* para indicar interioridade, desempenhando, assim, a função que era exercida pela preposição latina *in*. Deste modo, a frase latina *ire in scholam* tem como correspondente, no português moderno, *ir à escola*. Porém, conforme acentua Matoso Câmara, ao privilegiarmos, no português coloquial do Brasil, a forma *ir na floresta*, aproximamo-nos mais da sintaxe latina clássica.

## METÁFORAS TEMPORAIS

No que tange ao tempo, ele é expresso pelas preposições que indicam espaço e, como já sabemos, é também o significado metafórico que mais se aproxima do literal, sendo, por isso, depois do significado espacial, o próximo a desaparecer.

Começemos a nossa análise pela preposição *em*. A preposição latina *in*, que era empregada, ao reger acusativo, para indicar “lugar para onde” (*quo*) e, ao reger ablativo, “lugar onde” (*ubi*), deu origem a essa preposição. Diante do exposto, fica claro que o primeiro sentido da preposição *in* era espacial. Porém já existia na língua latina sentidos figurados desta preposição indicando tempo: “...*bis in die*, ...duas vezes num dia” (Cic., Tusc., 5, 100); “...*in primo congressu*, ...no primeiro encontro,” (Cés., B. Civ., 1, 46, 4). Assim, o mesmo processo se dá dentro da nossa língua com a preposição *em*. O primeiro exemplo desta preposição para falar de tempo foi colhido por nós em Eunice Pontes: “Nasci *em* 1960”; o segundo exemplo foi retirado da BLH: “*Em* seis dias eu, o Deus Eterno, fiz o céu, a terra, o mar e tudo...” (Êxodo 20:11).

A segunda preposição, *por*, oriunda da forma hipotética \**por*, que advém da forma latina *pro*, também pode, em sentido figurado, ser

empregada para denotar tempo. Em latim já encontrávamos exemplos da preposição *pro* em sentido temporal: “*Suas simultates pro magistratu exercere*, Satisfazer os seus ressentimentos *no* exercício da magistratura”, (Lívio). Em português coletamos dois exemplos da preposição *por* em sentido temporal: “*Por* toda a temporada ela se divertiu” (Eunice Pontes); “E os pôs na cadeia *por* três dias” (Gênesis 42:17).

A preposição *até* (*ad + tenus*) também se presta para a indicação de tempo, o que já ocorria em latim: “*Cantabrico tenus bello*, Até a guerra dos cântabros,” (Suet., Aug., 85). Em português ela é empregada, tal qual na indicação de espaço, para indicar, no sentido temporal, o ponto final. Exemplos: Tenho até 2006 para concluir o colegial; “Sobre a sepultura de Raquel levantou Jacó uma coluna que existe *até* ao dia de hoje” (Gênesis 35:20).

*Entre*, oriunda da forma hipotética \**intre*, que advém da forma latina *inter*, também pode ser empregada com sentido temporal. Ernesto Faria nos apresenta alguns exemplos da preposição *inter* com acepções temporais: “...*inter cenam*”, ...durante a ceia (Cíc., Phil., 2, 63); “...*inter tot annos*, ...no período de tantos anos” (Cíc., Pomp., 68). Na nossa língua, encontramos os seguintes exemplos: *Entre* 1983 e 1985, o Fluminense foi campeão carioca; “...Já de madrugada, *entre* as três e as seis horas, Jesus foi até lá...” (Marcos 6: 48 - BLH).

A preposição *Desde*, formada de *des + de*, que por sua vez são oriundas de *de + ex + de*, também estende a ampliação do seu campo semântico, que segue o caminho concreto (sentido espacial), passando ao sentido temporal. Assim de seu sentido espacial, como no exemplo “*Desde* Nazaré até Belém”, essa preposição passou para o sentido temporal, indicando, assim como no sentido espacial, ponto inicial. Vejamos agora alguns exemplos desta preposição no sentido temporal: “... dizendo que a Acaia está preparada *desde* o ano passado;...” (2 Coríntios 9:2 - RA); “... Então, *desde* a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus,...” (Atos 28:23 - RA); “Entretanto, reinou a morte *desde* Adão até Moisés, ...” (Romanos 5:14 - RA).

Verificamos, nos exemplos supracitados, que o mesmo processo ocorre com a preposição *até*. A única diferença reside no fato de *desde* indicar o ponto inicial e *até*, o ponto final.

## CONCLUSÃO

Ao finalizarmos, cremos que algumas dúvidas outrora existentes sobre o porquê da redução do quadro das preposições portuguesas foram por nós dissipadas, quer através dos exemplos e da teoria dos muitos estudiosos aqui presentes, quer através dos nossos exemplos. Cabe ressaltar, também, que a análise se deu por meio da oposição do registro culto (RC e RA) ao registro coloquial (BLH), fato este que, com certeza, serve de testemunha viva ao que o estudo se propõe, ao mesmo tempo em que facilita o entendimento do processo de desaparecimento ou o pouco emprego, na atualidade, de algumas preposições.

## BIBLIOGRAFIA

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 31 ed. São Paulo: Nacional, 1987.
- CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1976.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 6 ed. Revista (2. Impressão). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 2 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1975.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2 ed. rev. e aum. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. Brasília: FAE, 1995.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors; we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.
- LEITÃO, Luiz Ricardo et alii. *Gramática crítica: o culto e o coloquial no português brasileiro*. 3 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 2 ed. Prefácio de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1958.
- POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- PONTES, Eunice Souza Lima. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. São Paulo: Pontes Editores, 1992.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *A BÍBLIA SAGRADA*. 2 ed. rev. e atual.

Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. São Paulo, 1999.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *A BÍBLIA SAGRADA*. rev. e cor. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, 1969.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE*. São Paulo, 1988.

THOMAS, E. W. *The Syntax of spoken Brazilian Portuguese*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1960.

## NOTAS

<sup>1</sup> POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. 2002. *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português*. Salvador: EDUFBA, p. 116.

<sup>2</sup> CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. 1976. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, p. 128.

<sup>3</sup> COUTINHO, Ismael de Lima. 1969. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 6 ed. Revista (2. Impressão), p.34.

<sup>4</sup> THOMAS, E. W. *The Syntax of spoken Brazilian Portuguese*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1960, p. 258.